

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

**O PAPEL DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

KELEN CRISTINA DA SILVA LEONARDO

PIRES DO RIO-GO
DEZEMBRO/2016

KELEN CRISTINA DA SILVA LEONARDO

**O PAPEL DA LEITURA PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês e suas Respectivas Literaturas, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio, como um dos pré-requisitos para obtenção de grau Licenciada Letras, sob a orientação da Prof.^a M.^a Sueli Agda Vieira.

PIRES DO RIO-GO
DEZEMBRO/2016

Ficha Catalográfica para

Leonardo, Kelen Cristina da Silva.

O Papel da Leitura para a Produção Textual no Ensino Fundamental / Kelen Cristina da Silva Leonardo. – Pires do Rio: Universidade Estadual de Goiás, 2016.

54 f.

Orientadora: Profa. M.^a Sueli Agda Vieira.

TCC (Graduação), Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, Curso de Letras, 2016.

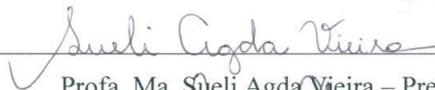
1. Leitura. 2. Produção Textual. 3. Ensino. I. Vieira, Sueli Agda. II. Universidade Estadual de Goiás. III. Mestra.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE TC

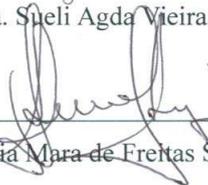
ATA Nº 004/2016

**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE
CURSO DA ALUNA KELEN CRISTINA DA SILVA LEONARDO**

Aos treze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, a partir das dezesseis horas, nas dependências do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, realizou-se a sessão pública de Defesa da Monografia intitulada: **O papel da leitura para a produção textual no ensino fundamental II**. Os trabalhos foram instalados pela Professora Orientadora Mestre Sueli Agda Vieira (Letras/UEG) com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Kênia Mara de Freitas Siqueira (Letras/UEG) e Professora Especialista Tatiana Guimarães Sampaio (Letras/UEG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o julgamento da Monografia, tendo sido a candidata aprovada, pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Sueli Agda Vieira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pela Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras, aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e dezesseis.



Profa. Ma. Sueli Agda Vieira – Presidente



Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira – Membro



Profa. Esp. Tatiana Guimarães Sampaio – Membro



Visto:
Profa. Dra. Vanessa Gomes Franca
Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras da UEG – Câmpus Pires do Rio

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que é mais que tudo na minha vida, que me abençoou durante toda minha jornada, dando-me forças para lutar a cada momento.

Ao meu pai Marcos que abaixo de Deus é meu rei, sempre esteve ao meu lado, me incentivando a lutar, que sonhava em me ver formada e hoje seu sonho está se tornando realidade, a minha mãe Rosana, minha rainha, me ensinou a ser guerreira e nunca desistir dos meus sonhos e a minha irmã Milena que me ajudou e confiou em mim.

Ao meu esposo Ezequiel pela compreensão a ausência e por estar ao meu lado durante esses anos, me ajudando e me incentivando sempre.

Ao meu filho Pedro Antônio que Deus me concedeu durante essa jornada, que é a razão da minha felicidade e da minha vida, tudo por você e tudo para você.

Ao meu avô Diocrecio que sonhou junto a mim, me ligava todos os dias para dar sua benção e me incentivar.

A minha sogra Sebastiana e ao meu sogro Rômulo (in memoriam) por ter me ajudado durante esses anos, cuidando do meu filho.

Ao Paulo Henrique pela amizade e companheirismo ao longo de toda esta caminhada.

À Sueli Agda, pela orientação, atenção e dedicação dispensadas a mim, durante a produção deste trabalho, muito obrigada.

A todos os professores pelos ensinamentos e dedicação, em especial as Professoras Kênia Mara, Karyna Mosconi e Tatiana Guimarães.

“A leitura torna o homem completo; a conversação torna-o ágil;
e o escrever dá-lhe precisão.”

FRANCIS BACON

RESUMO

A presente monografia atenta-se para a importância do ensino da competência leitora e sua inter-relação com a competência escrita. Para tanto, foi direcionado um olhar para o nono ano do Ensino Fundamental II e investigado a importância da leitura e seu ensino em sala de aula, a produção textual e seus desafios e a ausência e/ou reflexo da leitura na produção textual. Foi desenvolvida uma pesquisa de estudos bibliográficos bem como pesquisa *in loco*, de cunho etnográfico, com abordagem qualitativa para interpretação de dados, realizada no Colégio Estadual Adonias Lemes do Prado em São Miguel do Passa Quatro-GO. No que se refere à metodologia a pesquisa *in loco* se estruturou por meio da leitura de três textos de gêneros variados com o mesmo tema e a produção de uma dissertação de alguns alunos selecionados do nono ano, procurou-se mostrar por meio dessa pesquisa o quanto a leitura é inter-relacionada com a produção textual. Para tanto, essa pesquisa apoiou-se em alguns teóricos, entre eles, Silva (2002), Martins (2004), Koch (2006), Brose (2009), Marcuschi (2008), Orlandi (1999), Leite (1997), Lajolo (1982). Destaca-se o quanto a leitura é essencial e o quanto ela faz diferença para que se faça uma produção textual, pois a leitura está interligada com a mesma. Vivemos em uma época em que quase não se pratica a leitura, os alunos preferem algo que os atrai como a internet, televisão, músicas entre outros. Nesse sentido, o papel do professor fará diferença com uma boa metodologia.

Palavras-chaves: Leitura; Produção Textual; Ensino.

ABSTRACT

This article aims to the importance of reading skill teaching and its interrelation with writing skill. Therefore, it was directed a glance at the ninth grade from Junior High School and investigated the importance of reading and its teaching in the classroom, the textual production and its challenges and the lack and/or reflexes of reading in textual production. Was made a research of bibliographic studies as well as search *in loco*, of stamp ethnographic, with qualitative approach for data interpretation, made at Colégio Estadual Adonias Lemes do Prado in São Miguel do Passa Quatro- GO. Regarding to methodology the search *in loco* its structure aims in reading to three texts of genres varied with the same theme and production of a dissertation of some selected students of the ninth grade, sought show by means of this research how much the reading is interrelated with the production text. Therefore, this paper is supported by some theorists as Silva (2002), Martins (2004), Koch (2006), Brose (2009), Marcuschi (2008), Orlandi (1999), Leite (1997), Lajolo (1982). Pointing how much reading is essential and how much it makes difference in a good text production, because the reading is interconnected to the writing skills. We live in a time where almost there's no practice of reading, the students prefer something more interesting as the internet, television, music among others. This way, the teacher's role will make the difference with a good methodology.

Keywords: Reading; Production Text; Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 LEITURA: ABORDAGENS DIVERSAS	10
1.1 Leitura: Preâmbulo	10
1.2 O ensino de leitura em sala de aula.....	14
1.3 Estratégias e práticas de ensino de leitura na escola.....	16
2 PRODUÇÃO TEXTUAL E SEUS DESAFIOS	20
2.1 A escrita na sala de aula.....	20
2.2 A escola e a família na formação do aluno produtor de texto enquanto processo contínuo	27
2.3 O professor como mediador para a aquisição ou aprimoramento da escrita e seus desafios	29
3 O REFLEXO DA LEITURA NA PRODUÇÃO TEXTUAL	31
3.1 Metodologia.....	31
3.2 Análise	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

O acesso à leitura e a escrita é uma das funções da escola e ainda que a leitura por si só não seja suficiente para que o aluno desenvolva a competência na escrita, pode ser uma ferramenta relevante para auxiliar esse processo.

Nesse sentido, as práticas de leitura no contexto escolar, principalmente no Ensino Fundamental II, têm sido foco de muita atenção por parte de pesquisadores da área da educação, entre outras áreas, porque tem se restringido a um mero processo de decodificação de signos linguísticos, em detrimento de um processo ativo de construção de conhecimentos que permita ao aluno, entre outras coisas, compreender e escrever.

A leitura é essencial para que o aluno saiba ser autônomo na hora de escrever ou analisar um texto, lendo ele saberá argumentar, opinar, incrementar, dar significados diferentes. Verifica-se que a leitura e a escrita se completam, o aluno que é um leitor ativo, consegue enxergar além do que está escrito, ele participa do texto, interpreta, compreende, acrescenta.

Posto isso o interesse por esse tema decorre, principalmente, por perceber que a leitura está cada dia mais escassa e com isso surgem prejuízos nos textos de nossos alunos, atualmente o que interessa aos jovens é a tecnologia, deixando assim a leitura de lado. Para que o aluno seja um bom escritor, tenha sucesso ao produzir seus textos, primeiro ele precisa ser um leitor ativo e crítico. Assim, mostra Koch (2006, p. 25) “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”.

A *priori* esta pesquisa busca compreender a importância do ensino de leitura para a produção textual nas escolas de Ensino Fundamental II, isto é, até que ponto o ensino da leitura está estritamente relacionado à escrita.

Como embasamento teórico são utilizados principalmente autores como Silva (2002), Martins (2004), Koch (2006), Brose (2009), Marcuschi (2008), **Orlandi (1999)**, Leite (1997), Lajolo (1982), além de vários outros.

A metodologia utilizada foi a pesquisa *in loco* de cunho etnográfico, com abordagem qualitativa para interpretação de dados, além de revisão bibliográfica nos capítulos iniciais.

Este trabalho monográfico estrutura-se em três capítulos. O primeiro capítulo aborda conceitos de leitura e como se efetiva seu ensino dentro da sala de aula, verifica-se

como deve ser o ato de ler, como é o ensino da leitura na sala de aula e, as estratégias e práticas de ensino da leitura na escola.

O segundo capítulo discute a maneira como é realizada a escrita em sala de aula, o papel da escola, dos professores e da família para que o aluno se torne um leitor e escritor crítico e os desafios que precisam ser enfrentados, argumenta-se acerca da escrita em sala de aula, mostra o quanto a escola e a família são fundamentais na formação do aluno escritor de texto enquanto processo contínuo e o papel do professor enquanto mediador da aquisição ou aprimoramento da escrita e seus desafios.

O terceiro capítulo traz a análise realizada com cinco alunos do nono ano do Colégio Estadual Adonias Lemes do Prado, em São Miguel do Passa Quatro-GO, com o quais foram trabalhados três textos geradores de gêneros diferentes, todavia, com a mesma temática, sendo: uma crônica, um artigo de opinião e uma dissertação, todos sob o tema: “Gravidez na adolescência”.

Em suma, visa-se caracterizar a interligação entre leitura e escrita, percebendo de que modo as duas atividades que se relacionam e se influenciam mutuamente, ressaltando o papel fundamental da leitura para formar alunos críticos, com capacidade de elaborar um texto dentro dos padrões linguísticos; de argumentar, com autonomia e construir o conhecimento.

1 LEITURA: ABORDAGENS DIVERSAS

Ler é a contraparte do ato de escrever, que como tal, se complementam. O que lemos foi escrito por alguém, e escrevemos para que outro leia. Não existe solidão em nenhum dos dois momentos. Na verdade, só aparentemente estamos sós, quando escrevemos ou lemos. Há sempre um alguém do outro lado.

Irândé Antunes

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas concepções teóricas e práticas que fundamentam a leitura e as atividades de leitura tendo em vista que nos dias de hoje a leitura e, conseqüentemente, uma eficaz produção textual estão se tornando uma prática defasada nas nossas escolas, os alunos parecem não gostar de ler e encaram a leitura de um texto ou livro muitas vezes, como um castigo. Este capítulo aborda conceitos de leitura e como se efetiva seu ensino dentro da sala de aula.

1.1 Leitura: preâmbulo

O sucesso do aprendizado da leitura apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, o mais valorizado e exigido pela sociedade. No ensino fundamental II, essa prática não é diferente. Além da leitura propriamente dita, não se pode ignorar sua inter-relação à escrita. Nesse sentido Martins (2004), ressalta ao discutir o ato de ler como usualmente relacionado à escrita, e o leitor visto como decodificador da letra,

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. A leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido - seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. Também o sustenta a intermediação de outro (s) leitor (es). (MARTINS, 2004, p. 32, grifo da autora).

Ler não é apenas folhear um livro, uma revista, um jornal, ou qualquer coisa que contenha palavras ou imagens, ler vai além de nós mesmos, quando se lê, é possível viajar, descobrir coisas importantes, se divertir e aprender. Martins (2004) salienta o prazer, o deleite da leitura,

[...] aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias. (MARTINS, 2004, p. 34).

O ato da leitura se dá por meio de estímulos e motivações diárias, a prática possibilita o leitor a construção do conhecimento e sua formação e exerce sobre o leitor a autonomia de expandir seus horizontes. É através de várias leituras que o leitor consegue formular críticas, levantar hipóteses.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN- BRASIL, 1998, p.69), a leitura:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

É preciso que se trabalhe com a leitura de uma forma com que os alunos sejam capazes de compreender e interpretar o que estão lendo, para assim saber atribuir significados ao texto de acordo com seu conhecimento de mundo, do assunto que está sendo falado, do autor, enfim é importante que o leitor tenha um conhecimento prévio daquilo que está lendo. Não basta apenas decodificar as palavras ou símbolos, mas sim compreender e interpretar o que se lê.

Existem inúmeras concepções de leitura, eis algumas:

As inúmeras concepções vigentes sobre *leitura, grosso modo*, podem ser sintetizadas em duas caracterizações:

- 1) Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica). (MARTINS, 2004, p. 31, grifo da autora).

Para Martins (2004, p.32), ambas concepções são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível. Para a leitura acontecer de verdade é preciso compreender e decodificar, não passar os olhos por cima, como salienta Martins (2004, p.23): [...] ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de “ler pelos olhos de outrem”. Martins (2004) salienta ainda que,

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. (MARTINS, 2004, p. 17).

Aprender a ler não é simples, porém, deve ser natural e não imposto. Martins (2004) salienta como é aprender a ler. “Trata-se pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e ao mesmo tempo, constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos e com o mundo”. (MARTINS, 2004, p. 11).

Ler vai além do que está escrito, além da imaginação, assim [...] aprender a ler é ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e se organiza. (SILVA, 2002, p. 63). Quando se aprende a ler de verdade, [...] a aprendizagem em geral e da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, (SILVA, 2002, p. 20). A partir do momento que se aprende a ler, o indivíduo se torna autônomo, inteligente, capaz de refletir sobre algo, de expor sua opinião e impor sua decisão. Assim para Silva (2002), ao aprender a

ler ou a ler para aprender, portanto, o indivíduo executa um ato de conhecer e compreender as realizações humanas registradas através da escrita. (SILVA, 2002, p. 42).

Geralmente quando se começa a aprender a ler, lê-se tudo que está em sua volta e isso proporciona uma boa aprendizagem, porém é preciso ir além, assim como diz Martins (2004, p. 15), certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valoriza-lo para poder ir além dele.

Quando não tem prazer em fazer uma leitura, ou seja, quando se torna obrigatório ler algo, não vai haver um bom desenvolvimento e não se consegue compreender o que se aproveitaria se fosse uma leitura com prazer, com vontade, com entusiasmo, como salienta Martins (2004),

Se o texto é visual, ficamos cegos a ele, ainda que nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Se é sonoro, surdos. Quer dizer não o lemos, não o compreendemos, impossível dar-lhe sentido porque ele diz muito pouco ou nada para nós. (MARTINS, 2004, p. 10).

Seria bom se os leitores pudessem ler somente o que os dá prazer, porém não é sempre assim, são na maioria das vezes obrigados a ler algo, em que geralmente essa leitura não trará um bom aproveitamento pois leem o que os outros gostariam que lessem. Como Martins (2004, p. 17) diz: “Não obstante, em nossa trajetória existencial, interpõem-se inúmeras barreiras ao ato de ler”.

Porém deve-se buscar oportunidades de leituras, como mostra Martins (2004),

[...] os indivíduos e as sociedades carentes como a nossa precisam aprender a enfrentar, começando a ler por conta própria, ainda que as duras penas; exercitando sua memória, não se deixando iludir pela aparente gratuidade das pequenas coisas da vida, porque elas, em última instância, fazem a nossa história e fazem nossa a História. (MARTINS, 2004, p. 20).

Para uma boa leitura é importante que o leitor esteja comprometido com a leitura, pois assim ele cria uma interação com o texto ultrapassando as dificuldades, realizando o processo da leitura sabendo compreender e interpretar o texto.

1.2 O ensino de leitura em sala de aula

Há anos ouve-se grandes críticas em relação ao ensino de leitura na sala de aula. Existem muitos fatores para que haja um ensino de leitura favorável. Martins (2004) salienta,

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o *porquê*, *como* e *para quê*, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. (MARTINS, 2004, p. 23, grifo da autora).

Atualmente, depara-se com alunos totalmente desinteressados em aprender, cabe ao professor criar meios que chamem atenção dos educandos e deixar para trás a maneira formalística de ensinar, tem-se nos dias de hoje alunos muito diferentes de décadas anteriores.

Soluções simplificadoras ou demagógicas para questões tão complexas resultam inoperantes. Fundamental é que, conhecendo os limites de sua ação, os educadores repensem sua prática profissional e passem a agir objetiva e coerentemente em face dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta. (MARTINS, 2004, p. 29).

Com a clientela que se tem hoje precisa-se mudar a conduta para que haja um maior interesse por parte dos alunos em aprender a ler e escrever. A escola deveria levar em consideração a “vontade” dos alunos em aprender e não impor o que eles devem aprender.

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contexto esse permanentemente aberto a inúmeras leituras. Não é de admirar, pois, a preferência pela leitura de coisas bem diferentes daquelas impostas na sala de aula, sem a cobrança inevitável, em geral por meio das execráveis “fichas de leitura”. (MARTINS, 2004, p. 28).

Se o objetivo da escola é formar cidadãos leitores que sejam capazes de compreender e interpretar, é necessário que o aluno sinta prazer em ler, que a leitura tenha sentido, pois, quando se lê com prazer aprende-se muito, porém, ler por obrigação, para fazer “fichas de leitura”, o aluno se sente oprimido e não consegue chegar ao ápice da leitura.

Como, principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados com os manuais escolares. Esses textos condensados, supostamente digeríveis, dão a ilusão de tornar seus usuários aptos a conhecer, apreciar e até ensinar as mais diferentes disciplinas. Na verdade, resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler. (MARTINS, 2004, p. 25).

A leitura como salienta Jurado e Rojo (2006), precisa ser decodificada, para que o leitor consiga compreender o que está lendo, seja uma simples palavra ou um texto escrito. Cabendo ao leitor chegar a interpretação do que está lendo, ou seja, ele precisa decodificar, compreender.

O ensino de leitura vai desde o desenvolvimento da capacidade de decodificar a palavra escrita até a capacidade de compreender textos escritos – mais como uma decifração do sentido pronto do texto, considerado como uma combinação de palavras com significados únicos, literais, monofônicos, cabendo ao leitor apenas o domínio desses significados para chegar à interpretação autorizada. Não há o que construir, não há o que compartilhar, o que criticar, com o que dialogar; há somente o que decodificar. (JURADO; ROJO, 2006, p. 42).

A leitura requer um conjunto de saberes para que se concretize, o leitor precisa ter um conhecimento sobre aquilo que lê, o conhecimento de mundo é importante também, ao realizar várias leituras o leitor saberá dar sentidos ao que lê como afirma Koch (2009),

A leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes. (KOCH, 2009, p. 57).

“Cada um tem o *seu* jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante”. Martins (2004, p. 85, grifo da autora). A leitura quando é descoberta e realizada se torna uma viagem onde a imaginação consegue atribuir sentidos.

1.3 Estratégias e práticas de ensino de leitura na escola

A leitura deve ser incentivada o mais cedo possível, para que as crianças sintam prazer em ler, o desejo pela leitura não nasce com a pessoa, mas é adquirido com a prática. A escola tem um papel muito importante nesse contexto, pois muitas crianças tem o primeiro acesso à leitura na escola. Como salienta Brose (2009),

Compreender o mundo por meio da leitura é uma poderosa fonte de prazer, que eventualmente se converterá em hábito para além da escola. Esse hábito começa cedo. A educação doméstica ou pré-escolar, de zero a seis anos, inicia o processo de humanização da criança. Essa educação que, tradicionalmente, engloba andar, falar, criar hábitos de higiene e de alimentação ocorre, na maioria das vezes, em ambiente privado ou em creches muito semelhantes ao ambiente da casa dos pais. Se os pais ou educadores incentivarem o gosto pela leitura nessa faixa etária, as chances de a criança se tornar leitora são muito grandes. (BROSE, 2009, p. 13).

No momento em que a criança vai para a escola e aprende a ler, a partir daí a leitura sempre fará parte da sua vida acadêmica, em todos os níveis educacionais, como afirma Silva (2002),

A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença, sem dúvida marcante e abrangente, começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita. Após esta fase de iniciação, o aluno continua a se encontrar com livros-textos (materializados, na prática escolar, sob a forma de livro-adotado, texto base, bibliografia obrigatória, leitura suplementar, apostilha, etc..) ao longo de toda a sua trajetória acadêmica. (SILVA, 2002, p. 31).

Precisa-se ensinar a criança a ler, a pensar, a imaginar, a ter prazer em realizar a leitura, ir além do texto, para que ela se encante pelo texto levando-o assim para sua vida fora do ambiente escolar, assim para Brose (2009),

Portanto, a instituição de ensino não deve se restringir à mera transmissão de conteúdos, mas, sobretudo, deve ensinar o aluno a pensar, a apropriar-se do conhecimento e a fazer uso do mesmo de forma autônoma na sua vida, além do âmbito escolar. Inicialmente, essa reflexão e toda a infraestrutura para o

fomento à leitura tem como objetivo o encantamento do leitor pelo texto. (BROSE, 2009, p. 15).

Os pais têm um papel fundamental no aprendizado da leitura de seus filhos, aqueles que desde cedo incentivam seu filho (a) a ler provavelmente aquela criança se tornará um excelente leitor, quando a leitura é realizada seja em grupo ou individualmente, mas que há prazer a criança se sente feliz, como salienta Brose (2009), “a leitura, quando provoca prazer e encantamento, viabiliza a expressão de felicidade do leitor. Se ela ocorre em grupo, o prazer é potencializado e a sua vida saudável tem maiores chances de ser intensificada”. (BROSE, 2009, p. 17).

O hábito da leitura está defasado, as crianças e os adolescentes preferem assistir televisão, ouvir músicas, jogar na internet, ou seja, preferem a mídia ao invés da leitura, pois a mídia os seduz, chama atenção. Os meios que são fornecidos a escola não são suficientes para que os alunos/leitores sejam seduzidos e tenham prazer de ler. Como salienta Silva (2002),

Para que o “hábito” da leitura se desenvolvesse seria necessário que as escolas e as famílias brasileiras permitissem o acesso ao livro. Porém a maioria das escolas não possui bibliotecas, e, aquelas que possuem, são geralmente mal utilizadas (inexiste renovação de acervo, não há bibliotecárias formadas em escolas oficiais, os locais são inapropriados, etc...); porém o preço dos livros geralmente está muito além das possibilidades econômicas dos alunos; porém o mercado do livro didático nem sempre oferece o que há de melhor; porém não são todos os professores que sabem orientar adequadamente a leitura. Como, então, incentivar “por todos os meios”, se os próprios meios não são fornecidos às escolas? (SILVA, 2002, p. 35, grifo do autor).

Com a dificuldade em adquirir um livro, algumas escolas não possuem biblioteca as que têm nem sempre é utilizada, os livros didáticos muitas vezes deixam a desejar, nem sempre os professores conseguem ensinar a leitura, os meios não cooperam para que haja uma leitura adequada, às vezes não só os alunos, mas também os professores têm várias dificuldades em realizar a leitura.

Ainda para Silva (2002),

A grande massa da população, sem condições para estudar, sempre aderiu aos meios diretos de comunicação, que não exigem educação formal para sua recepção. Daí talvez, o sucesso do rádio e da televisão no contexto brasileiro e na maioria dos países subdesenvolvidos. Daí também, o lazer

proporcionado pela leitura ficar restrito àqueles que tiveram e que têm acesso à escola de forma privilegiada, isto é, à escola que aponta para o significado e para a referência E como este tipo de escola não é constituído para o povo em geral, a leitura torna-se um bem ou um privilégio a ser desfrutado somente pelas elites. (SILVA, 2002, p. 37).

A maioria das crianças, jovens e adultos, que não têm acesso à escola, preferem ouvir rádio, assistir televisão, usar a internet, é mais fácil o acesso e não precisa ter uma boa educação para entender o que essas mídias estão transmitindo. A diferença que existe no mundo escolar é muito grande, algumas escolas ensinam o aluno a ler, a ter prazer pela leitura, com isso felizmente a leitura se torna um privilégio para muitos que não tem condições de estudar em uma escola boa.

Silva (2002) afirma que,

Apesar de tão continuamente requisitada e tão multifacetadamente presente dentro de propostas que visam facilitar a aquisição de experiências, a leitura levanta-se como uma grande fonte de inquietação dentro do cenário educacional brasileiro – como um grande enigma, por assim dizer. Na ausência de informações que orientam uma prática mais eficiente, o ensino da leitura parece ser realizado ao acaso, fazendo com que os professores ajam através do ensaio-e-erro quando da abordagem de materiais escritos junto a seus alunos. Vale a pena mencionar que até mesmo os chamados “guias curriculares” (ou outros instrumentos de apoio ao professor), em tratando do tópico da leitura, são bastante superficiais e nada ilustrativos. (SILVA, 2002, p. 33, grifo do autor).

A leitura ocorre efetivamente quando o leitor consegue dialogar com o texto compreendendo o que o autor quis dizer com aquelas palavras, para isso é preciso ter conhecimento de outros textos, como salienta Jurado e Rojo (2006, p. 40), “ler é dialogar com a consciência do autor, com outros enunciados e vozes, não decifrando, mas produzindo sentidos com os conhecimentos que se tem de outros textos/enunciados e com os que traz o autor”.

A leitura que se almeja nem sempre é possível ser alcançada, alunos desinteressados, aulas maçantes que não conseguem cativar os alunos, professores despreparados para ensinar a leitura de forma correta, pais que não incentivam seus filhos, pessoas que não possuem acesso ao livro, os desafios são muitos. Mas é preciso que isso mude, a leitura está interligada com a escrita, para que o aluno consiga escrever bem ele precisa ler bem, as dificuldades que os alunos enfrentam para fazer uma produção de texto é gigante, muitas vezes eles não conseguem, não se interessam.

No próximo capítulo, discute-se a inter-relação da leitura com a escrita destacando sobremaneira, os desafios no campo da produção escrita, como o professor ajuda no processo de aquisição ou aprimoramento da escrita e os desafios que eles enfrentam. O quanto a família é fundamental para que o aluno consiga obter êxito na leitura e na produção textual conseguindo enfrentar os desafios.

2 PRODUÇÃO TEXTUAL E SEUS DESAFIOS

Há o texto dos alunos, o nosso de professores e os textos alheios. Todos se tecem de palavras, todos têm seu ritmo. A relação entre eles é de diálogo: um provoca o outro, o significado seu e dos outros.

Marisa Lajolo

A leitura está estritamente relacionada à escrita, mas sua aprendizagem está tradicionalmente ligada aos atributos linguísticos, culturais, sociais e a formação do sujeito, sejam como meio de permitir ao indivíduo a aquisição do conhecimento, seja como meio de viabilizar sua atuação social.

Em face disso, surge a necessidade de se discutir sobre o processo de escrita nas series do Ensino Fundamental II dada a sua relevância para o processo ensino-aprendizagem. Neste capítulo, discute-se a maneira como é realizada a escrita na sala de aula, o papel da escola, dos professores e da família para que o aluno se torne um leitor e escritor crítico e os desafios que precisam ser enfrentados.

2.1 A escrita na sala de aula

A partir das considerações estabelecidas no capítulo anterior, observa-se que a leitura e a produção textual são complementares, uma não existe sem a outra, para que o aluno consiga escrever bem ele precisa ler, somente lendo ele será capaz de pensar e dar significado, como salienta Silva (2002), [...] escrever e ler são atos complementares: um não pode existir sem o outro. O ato de ler envolve uma direção da consciência para a expressão referencial escrita, capaz de gerar pensamento e doação de significado. (SILVA, 2002, p. 64).

Há na escrita atos de escrever e ler, em que a comunicação se dá através de documentos escritos e leitores. Para Silva (2002),

Com o advento da escrita, favorecendo a difusão e o alcance do discurso, o homem passa de ouvinte a leitor. Ao lado do mundo da oralidade, caracterizada pelos atos de falar e ouvir, surge o mundo da escrita, caracterizado pelos atos de escrever e ler. Se no mundo da oralidade o

homem se comunicava através do discurso falado (com a presença ostensiva de dois ou mais interlocutores), no mundo da escrita a comunicação se estabelece a partir de documentos escritos e leitores. Mais do que o oral, o texto escrito se oferece como informação “acabada”, na qual a defasagem de tempo entre a produção e recepção tende a dissolver a possibilidade de diálogo. (SILVA, 2002, p. 63).

Sabe-se que para construir um texto adequado aos padrões linguísticos, coeso e coerente nem sempre é fácil, as dificuldades são muitas, não basta saber escrever, ter um papel e um lápis, primeiro é preciso ser um leitor ativo que goste de ler e que saiba ler, não apenas passar os olhos pelas palavras, saber atribuir significado ao texto é muito importante, Antunes (2003), mostra que para produzir um texto são necessárias várias etapas e não somente o ato de escrever,

Elaborar um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever: Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. Cada etapa cumpre, assim, uma função específica, e a condição final do texto vai depender de como se respeitou cada uma destas funções. (ANTUNES, 2003, p. 54).

Elaborar um texto escrito não é tão simples e fácil como parece, antes de pensar em pegar o papel e o lápis é preciso planejar o que vai escrever, depois escrever suas ideias e fazer seu texto, mas não é só escrever pela primeira vez e entregar para o professor, o aluno precisa escrever, revisar e então reescrever seu texto e assim ele terá um texto elaborado, um texto planejado, escrito, revisado e reescrito.

Para que os alunos tenham prazer em escrever um texto os professores precisam dar oportunidades para que eles possam planejar, revisar e reescrever, precisam de um tempo maior onde conseguirão pensar qual a melhor forma de se expressar, porém nem sempre isso é possível e pretendido, como salienta Antunes (2003),

Possivelmente, a qualidade, por vezes pouco desejável, dos textos escritos por nossos alunos se deva também à falta de oportunidade para que eles planejem e revejam esses textos. A prática das “redações” escolares – normalmente realizada num limite escasso de tempo, frequentemente improvisada e sem objetivos mais amplos que aquele de simplesmente

escrever- leva os alunos a produzir textos de qualquer maneira, sem um planejamento prévio e, ainda, sem uma diligente revisão em busca da melhor forma de dizer aquilo que se pretendia comunicar. Essa busca da “melhor forma” fica sinalizada no texto pelas rasuras, que indicam exatamente a outra opção que pareceu mais adequada que a anterior. O professor, normalmente, tem inibido o uso da rasura, deixando passar a falsa ideia de que palavra certa já se encontra na primeira tentativa. (ANTUNES, 2003, p. 59, grifo do autor).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN- BRASIL, 2002, p.80) para que o aluno consiga produzir seu texto com mais segurança ele precisa,

Um primeiro aspecto a ser considerado na produção de textos diz respeito à crescente percepção, pelos alunos, das condições em que essas unidades de sentido são produzidas. Diante de uma dada proposta de produção, o aluno deve ter clareza sobre:

- O que tem a dizer sobre o tema proposto, de acordo com suas intencionalidades;
- O lugar social de que ele fala;
- Para quem seu texto se dirige;
- De quais mecanismos composicionais lançará mão;
- De que forma esse texto se tornará público.

Ter clareza sobre esses elementos certamente auxilia o aluno a compor seu texto com mais segurança, ponto de partida para o desenvolvimento de suas habilidades como produtor de textos.

É necessário apresentar os textos de maneira que conscientizem os alunos mostrando o quão importante é um texto bem produzido. Mas com textos que se tem trabalhado principalmente no Ensino Fundamental nem sempre é fácil para o professor conseguir a atenção dos alunos e menos ainda despertar o interesse. Como mostra Marcuschi (2008),

Sabemos que um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas. Mas o problema não reside só nas formas de acesso ao texto e sim nas formas de sua apresentação. Quanto a essa inadequação, sabe-se que os textos escolares, sobretudo nas primeiras séries, padecem de problemas de organização linguística e informacional. Por vezes, eles carecem de coesão, formando conjuntos de frases soltas e, em outras, já têm em

excesso causando enorme volume de repetições tópicas. Em qualquer dos casos, o resultado será, evidentemente, um baixo rendimento do aluno. De resto, os textos escolares revelam ignorância e descompasso em relação à complexidade da produção oral dos alunos. Ignoram que o aluno já fala (domina a língua) quando entra na escola. (MARCUSCHI, 2008, p. 52).

Os textos que estão sendo trabalhados precisam de melhoria nas formas de acesso e na maneira de ser trabalhados, são textos que requerem dos professores uma nova maneira de apresentação, pois são para motivar os alunos. Os textos trabalhados não despertam interesse nos alunos fazendo com que eles não se atentem pela aula que acaba se tornando chata, os professores estão desmotivados e cansados. Por isso é preciso inovar, apresentar textos de formas atrativas, fazendo com que eles sintam prazer em ler e escrever.

Um texto possui muitos significados depende da forma que se lê e outros meios autorizados, porém no ambiente escolar não importa a interpretação que o aluno faz e sim as que são consideradas úteis, com isso o aluno não possui liberdade em escrever, criar, dar significados, inovar. O professor e a escola precisariam trabalhar juntos para que o aluno possa ter liberdade em escrever e dar sentidos ao texto, se tornando assim autônomo. É importante que os alunos entendam o momento histórico que o texto que ele lê foi criado e saiba opinar a respeito, trocar informações com os colegas, para que consigam dar significados ao texto.

A presença do texto na sala de aula torna-se artificial, com interpretações consideradas “úteis”, “adequadas”, “agradáveis”. Mais do que isso: o leitor é impedido de participar de forma autônoma na prática da leitura, o que compromete seu desenvolvimento libertário. Entretanto, a leitura não deve ser pensada como algo pronto, sistema ao qual o indivíduo se submete, mas como um espaço propício à troca de experiências entre os indivíduos que, constantemente, reinterpretem informações, conceitos e significados. (BROSE, 2009, p. 22, grifo da autora).

O texto deve ser trabalhado na sala de aula de maneira que o aluno possa interpretar e inserir significados de acordo com seu conhecimento. O texto precisa ter começo, meio e fim, o autor precisa ser coerente para que suas ideias sejam compreendidas pelo leitor.

O texto, como sabemos, é a unidade de análise. Para o leitor, é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letra, imagem, sequências com uma extensão, (imaginariamente) com começo, meio e fim e que tem um autor que se representa em sua unidade “dando” coerência, progressão, finalidade ao texto que produz. (ORLANDI, 1999, p. 155, grifo da autora).

Para Jurado e Rojo (2006), o aluno não pode atribuir sentidos ao que lê, pois tudo já está dito e explicado, que se torna desinteressante. Os alunos não se interessam mais em ler e interpretar, pois lhes são passadas a opinião dos autores sem qualquer possibilidade de o aluno explorar o texto, por isso os alunos não conseguem interpretar e dar significados ao texto, como poderão então redigir um texto de qualidade?

A proposta de estudo do texto é *conduzida*, totalmente **autoritária**, impondo a leitura, nem sempre interessante, feita pelos autores do livro didático. Não existe construção de sentidos pelo aluno: tudo já está dito, explicado *a priori* e deve ser reconhecido e repetido. E esse *tudo* é muito *pouco*. O que existe é um jogo de escolhas entre o certo e o errado, o falso e o verdadeiro, de acordo com a compreensão dos autores, que não possibilita a exploração das significações possíveis para a construção dos sentidos dos textos literários, como uma produção sociocultural. Nesta configuração, é ainda menos possível a formação do leitor literário. (JURADO; ROJO, 2006, p. 52, grifo das autoras).

Comumente, o professor pede que seus alunos escrevam um texto com certos padrões obrigatórios que será corrigido e julgado pelo professor. O aluno sabe que isso acontecerá e muitas vezes deixa de escrever o que quer, o que acha certo, para escrever aquilo que ele sabe que o professor vai gostar ou algo que já foi dito pelo professor. Como atesta Britto (2012) e Suassuna (1999),

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de certos padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota). (BRITTO, 2012, p. 120).

[...] nossos alunos escrevem, via de regra, para um só interlocutor. Ou, ainda, estão suggestionados pela imagem feita desse interlocutor, que é o professor. Assim, colocados para escrever, eles procuram fazê-lo de forma a agradar ao professor, ora dizendo o que este já lhes dissera antes, ora fazendo considerações genéricas acerca das coisas do mundo, através de um estilo

escolar. Esse fenômeno talvez constitua a grande contradição da produção de texto na escola. (SUASSUNA, 1999, p. 194).

Alguns professores propõem ou exigem uma produção de texto para a qual eles escolhem o tema, os alunos escrevem de acordo com regras aprendidas durante as aulas de Língua Portuguesa. O professor ao corrigir esse texto prioriza a ortografia e as regras gramaticais deixando de lado muitas vezes o sentido do texto, o estilo e a criatividade do aluno.

Escrever na escola reduz-se, quase sempre, a produzir um texto acerca de um tema proposto ou imposto, em que o aluno, teoricamente, poria em prática regras e conceitos gramaticais aprendidos num momento anterior, o que revela uma visão etapista e fragmentada da língua e do ensino. Talvez por isso é que a ortografia assume, em termos de avaliação da produção escrita, uma dimensão muito maior do que a merecida. (SUASSUNA, 1999, p. 193).

O ensino de ortografia é útil, mas nem sempre é essencial e/ou prioritária, o sentido que o texto transmite é sem dúvida o mais relevante. Como atesta Marcuschi (2008),

Operar com textos é uma forma de se inserir em uma cultura e dominar uma língua. [...] não importa o quanto de problemas ortográficos ou sintáticos tenha um texto, ele produzirá os efeitos desejados se estiver em uma cultura e circular entre sujeitos que dominam a língua em que ele foi escrito. (MARCUSCHI, 2008, p. 90).

A produção de texto na sala de aula está cada vez mais desinteressante, pois não importa o que o aluno compreende e sim o significado pretendido pelo professor, fugindo assim do sentido do uso da língua e tornando a língua assim artificial. Como atesta Geraldi (2012, p. 65), [...] a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Os motivos para que os alunos estejam desmotivados são inúmeros, mas sempre existe algo que se possa fazer para melhorar, como salienta Suassuna (1999), com seus princípios metodológicos,

Assim, muito mais do que tarefa escolar, a produção de texto representa um espaço de expressão singular e deve funcionar como tal.

Nesse sentido, lanço, como princípios metodológicos:

- **os textos geradores das discussões devem contemplar temas de interesse dos alunos, favorecendo o processo de compreensão/explicação da realidade;**
- **é recomendável que trabalhem com tipos de textos e autores variados (por exemplo: crônica, fábula, entrevista, ensaio, trecho de romance, poema...etc.);**
- **a variação também deve se fazer presente nas propostas de trabalho, as quais, de preferência, teriam poucas “amarrações” (como número de linhas ou pessoa gramatical);**
- **eventualmente, seria possível também desenvolver, com os alunos, atividades de escrita mais controladas, consideradas as condições de produção de certos textos (como o relatório de estágio);**
- **à avaliação dos aspectos normativos ou gramaticais dos textos haverá de se somar uma outra, de natureza textual, pragmática, interacional;**
- **os diferentes modos de escrever se relacionam, bilateralmente, com os modos de ler, de forma que certas estratégias ou atividades vividas na produção do texto são determinantes para a constituição de um leitor maduro. (SUASSUNA, 1999, p. 205).**

Textos produzidos a partir de temas atuais ou alusivos à faixa etária em voga, que os atraiam, trarão resultados positivos, com o decorrer do tempo é preciso mudar.

[...] ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção as condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (FREIRE, 1996, p. 29, grifo do autor).

Tanto o professor quanto o aluno não devem se cansar, se esgotar, suas forças precisam ser renovadas a cada dia, precisam criar, persistir, inovar. E acima de tudo tanto os professores quanto os alunos devem ser curiosos e persistentes, para ser melhor a cada dia.

2.2 A escola e a família na formação do aluno produtor de texto enquanto processo contínuo

A escola possui um papel muito importante para que o aluno aprenda redigir um texto. Quando a escola, que é o ambiente de aprender a ler, escrever, interpretar, dar sentidos, criar significados, lança mão da liberdade de criar e segue um modelo de normas, o aluno perde o motivo e o interesse de inovar, seguindo assim moldes, como afirma Leite (2012),

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais, visando à produção correta do enunciado comunicativo culta, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem *redações*, segundo determinados moldes; por isso não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa *mensagem* definida. (LEITE, 2012, p. 24, grifo da autora).

Assim como a escola é importante, a família tem um papel fundamental no processo educativo de seus filhos, por isso é essencial que eles saibam o que se passa em sala de aula, o que está sendo ensinado e como está sendo ensinado. Como o ensino deve interessar os professores, os alunos, os pais também devem estar atentos aos problemas do ensino. É muito importante a participação da família, da escola e dos professores no processo de aprendizagem, porém, infelizmente nem sempre a família possui tempo para acompanhar seus filhos na escola, muitos não conseguem ensinar seu filho a resolver as atividades, pois não possuem estudo.

Para que os alunos se tornem produtores, a família, a escola e os professores precisam trabalhar juntos. O tempo nem sempre é propício para que os alunos consigam refletir o que está escrevendo, muitas vezes querem reescrever apontando pontos que acham pertinentes, porém não conseguem.

A escola favorece a aceitação de um grande equívoco: o de que escrever um texto se faz numa primeira e única versão. Nos exercícios de redação, normalmente, o tempo não chega para se refletir, para se levantar ou se testar hipóteses, para se encontrar a palavra certa, para se voltar e avaliar a pertinência das escolhas feitas. Tudo fica conforme apareceu na primeira escrita. Sem mais nem menos. Sem grandes exigências. De qualquer jeito. Tanto faz dizer isso ou aquilo, deste ou daquele jeito. Sem tentativas para se dizer melhor. Como se não houvesse regularidades, normas. (ANTUNES, 2003, p. 37).

A escola precisa motivar o aluno a produzir, a ser melhor e não determinar que só consegue escrever uma boa redação quem tem o dom, ou seja, que nasce sabendo fazer, falar para um aluno que ele não pode, que não consegue porque não tem “dom” para produzir uma redação pode haver consequências graves, pois se ele levar isso para sua vida ele será um aluno desinteressado porque pensa que nunca conseguirá. O papel da escola é ensinar os alunos, independente do grau de dificuldades, como salienta Suassuna (1999),

Também foi a escola – no bojo do fenômeno costumeiramente chamado “fracasso”- que disseminou a ideia genético-determinista de que redação é algo que já nasce sabendo, não se ensina ninguém a escrever, o bom texto é resultado de dons como a criatividade e a inspiração. Vale salientar que, dessa forma, a escola se desobriga de fazer intervenções mais produtivas no processo ensino-aprendizagem, na busca da melhoria de sua qualidade. (SUASSUNA, 1999, p. 194).

Na sala de aula são trabalhados textos que nem sempre motivam os alunos fazendo com que percam o interesse tanto pela leitura quanto pela escrita. O aluno precisa ser moldado na escola, ele precisa sentir prazer em ler e escrever, assim ele levará uma bagagem positiva para sua vida ao sair da escola. É preciso incentivar a leitura e a escrita, para que o aluno leve isso para seu dia a dia, fazendo da leitura e da escrita um hábito.

Se admitirmos que os acontecimentos de sala de aula se projetam na vida particular das pessoas, podemos deduzir que muito pouco interesse pela leitura e pela escrita fica como herança da experiência escolar. E, depois, lá fora, na vida social, familiar e do trabalho, não haverá tempo nem gosto para ler e escrever textos, exatamente como, agora, na escola, não se encontra tempo e outras condições para desenvolver tais competências. (ANTUNES, 2003, p. 41).

Para o aluno ser um leitor e um produtor, precisa de um trabalho em conjunto, a escola, os professores e a família devem trabalhar juntos para chegar a um bom resultado.

2.3 O professor como mediador para a aquisição ou aprimoramento da escrita e seus desafios

Cabe ao professor apresentar, proporcionar, incentivar, possibilitar aos alunos diferentes tipos de textos, ir além dos textos que são oferecidos pelos livros didáticos, para que sejam capazes de realizar várias leituras, que ajudará ao aluno atribuir diferentes significados e formular ideias, onde conseguirá produzir textos de qualidade.

Pensando especificamente na leitura em contexto escolar, não podemos perder de vista que os textos que circulam em sala de aula, à exceção daqueles produzidos especialmente para esse contexto – os didáticos, por exemplo – são *escolarizados*. Isso quer dizer que são retirados de sua esfera de produção/circulação/ recepção de origem (a literatura, por exemplo) e repostos em outra situação de produção, em uma esfera que tem fim específico de ensino de um objeto escolar, seja um conhecimento, seja uma capacidade leitora, seja uma prática letrada. (JURADO; ROJO, 2006, p. 45, grifo das autoras).

O texto sempre remete a outros textos assim, o professor precisa deixar que o aluno construa significados, é preciso levar em conta o conhecimento que esse aluno tem a respeito do contexto que o texto proposto tem, ou seja, o professor precisa deixar e incentivar que o aluno atribua significados ao texto, a fim de que esse aluno saiba interpretar o que está lendo. Como salienta Jurado e Rojo (2006),

É uma prática monológica e monovocal, porque ao texto é negada a sua natureza dialógica em relação a outros textos. É também uma prática autoritária, porque ao leitor cabe apenas o reconhecimento e a assimilação do que é explicado pela autoridade do livro didático e da palavra do professor. O contexto em que foram produzidos o texto e a sua relação com outros textos, o conhecimento que o leitor tem ou não desse contexto, a

cultura que traz consigo, nada disso é levado em conta. Fruto dessa prática escolar, temos um leitor que não constrói os sentidos do texto, antes reproduz o sentido que se deu a ele; um leitor que não tem autonomia para interpretar o que lê. (JURADO; ROJO, 2006, p. 43).

O professor precisa ser um leitor ativo, que goste de ler e dar significados ao texto, para que seus alunos sintam prazer em fazer uma leitura e formular significados para o texto, pois se o professor que está ensinando os alunos a serem leitores ativos e a construírem textos bons, não for um leitor no seu dia a dia certamente seus alunos não vão conseguir enxergar significado algum naquele texto, como atesta Lajolo (1982),

[...] se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas. (LAJOLO, 1982, p. 53).

O professor é o espelho do aluno, então se o professor mostrar para seu aluno que ele é um leitor ativo, que gosta de ler, o aluno terá interesse em ler e levar a leitura para seu dia a dia. A leitura é essencial e transforma a vida do aluno, um aluno leitor ativo sabe atribuir significados aos textos e a tudo o que lê.

No próximo capítulo, apresenta-se o quanto a leitura está inter-relacionada com a produção textual e traz textos produzidos por alunos do 9^a ano para analisar o processo da leitura e sua conseqüente produção.

3 O REFLEXO DA LEITURA NA PRODUÇÃO TEXTUAL

A competência para escrever textos relevantes é uma conquista inteiramente possível. O mito de que somente sabem escrever as pessoas que nasceram com esse “dom” cai por terra numa análise aprofundada e objetiva. O dom de escrever é, na verdade, resultado de muita determinação, de muitas tentativas, de muita prática, afinal. Desde cedo.

IRANDÉ ANTUNES

O objetivo deste capítulo é analisar o quanto a leitura é fundamental para que a produção textual ocorra sem prejuízos. A fim de se compreender ainda que minimamente, como se dá essa relação é que se propõe nesse capítulo analisar o processo da leitura e sua conseqüente produção.

3.1 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos consistem basicamente de estudos bibliográficos bem como pesquisa *in loco*, de cunho etnográfico, com abordagem qualitativa para interpretação de dados.

Esta pesquisa foi realizada com cinco alunos do nono ano do Colégio Estadual Adonias Lemes do Prado, em São Miguel do Passa Quatro-GO. Foram trabalhados três gêneros textuais com a mesma temática: uma crônica, um artigo de opinião e uma dissertação, com o tema: “Gravidez na adolescência”. Em seguida, foi solicitado aos alunos que escrevessem uma dissertação a partir do mesmo tema, com o objetivo de analisar como se dá o reflexo da leitura orientada, dialogada, em suas produções textuais.

3.2 ANÁLISE

Mediante as contribuições teóricas apresentadas por Suassuna (1999, p. 205) entende-se como recomendável que se produza um texto a partir de gêneros e autores variados, considerando essa premissa, foi proposto para os alunos selecionados a leitura de três textos de gêneros e autores diferentes, após a leitura, interpretação e reflexão sobre os textos propostos, os alunos produziram uma dissertação com o mesmo tema dos textos geradores explorados.

É digno de registro salientar que durante o processo de escrita foi possibilitado a eles que fizessem rascunhos, reescritas, permitindo-os ir além da primeira versão, puderam lapidar, trabalhar com a palavra antes de escrevê-la, o que é muito importante como afirmou Antunes (1982, p.59), ao destacar que os alunos não possuem tempo o suficiente para realizar uma redação e isso faz com que eles produzam textos de qualquer maneira, sem poder fazer opções das expressões que lhes parecem mais adequadas. Como mostra Antunes (2003), para o aluno produzir um texto dentro dos padrões linguísticos, é necessário que o aluno planeje o que vai escrever, revise e reescreva seu texto, assim terá um texto elaborado e sem prejuízos.

Consideradas as discussões dos capítulos anteriores, é possível afirmar que a leitura e a escrita são complementares, uma anda junto com a outra, o aluno precisa ler ativamente, superar o apenas decodificar palavras. É preciso trabalhar com a leitura de forma que desperte o interesse dos alunos, de maneira que eles consigam compreender, interpretar e dar significados ao que lê. Ao fazer a leitura das produções dos alunos, percebe-se que quando se parte da leitura variada, sobre a qual se faz reflexões, inferências, comparações e inter-relações; e depois se escreve, a produção textual é mais significativa.

Os textos dos alunos, de forma geral, atenderam aos padrões linguísticos, harmonizaram-se com a temática proposta, estão coesos e com argumentos e ideias coerentes.

No texto 1, observa-se uma construção coerente, o aluno não perdeu o enfoque do tema proposto, está em harmonia com as ideias dos textos geradores; no segundo parágrafo percebe-se uma apreensão de argumentos absorvidos dos textos B e C sobre a adolescente passar por problemas emocionais, percebe-se também outro argumento baseado no texto B quando se diz que a mãe precisa ter condições para criar um filho. O aluno apropria-se de vocábulos dos textos geradores, como o termo “fato”, transcrito do texto A.

No terceiro parágrafo, o aluno novamente constrói um argumento a partir do texto gerador como quando discorre acerca da mídia influenciar o ato sexual, como temos no texto

gerador A. O aluno usa também seu conhecimento de mundo, de sua cultura, ao falar no terceiro parágrafo que “E assim aliados a fase de fazer tudo por impulso e sem pensar em consequências, aumenta ainda mais a incidência de gestação juvenil” e no último parágrafo “os adolescentes precisam cada vez mais ficar atentos com informações corretas, pois essa parte da vida guarda belas descobertas”. O aluno usa expressões da oralidade quando usa a palavra “então”, que não aparece em nenhum dos textos geradores lidos, o que revela que mesmo oferecendo textos geradores há aspectos a serem trabalhados e acrescentados no ensino da produção textual. No último parágrafo o aluno se influencia do texto A quando fala dos “obstáculos a serem vencidos”. Para que o aluno sinta prazer em ler e se torne um leitor ativo, cabe aos professores e aos pais motivar e estimular diariamente, pois a leitura fornece ao leitor autonomia de formular críticas e levantar hipóteses.

No texto 2, no primeiro parágrafo o aluno usa seu conhecimento de mundo ao destacar “Meninas de 14 a 21 anos, não se preocupam com as consequências que um ato sexual sem métodos preventivos pode trazer, não só uma gravidez precoce, mas também doenças sexualmente transmissíveis”. Já no segundo parágrafo o aluno cita que “a adolescente não está totalmente preparada, seja fisicamente ou emocionalmente”, como menciona nos textos geradores B e C. No terceiro parágrafo o aluno argumenta sobre a falta de diálogo entre os pais e os filhos, que também é mencionado nos textos B e C. Neste parágrafo observa-se ainda que o aluno usa seu conhecimento de mundo ao destacar que “uma gravidez não planejada leva os pais da adolescente a objeção e rejeição” e ao citar a separação entre os adolescentes, que a menina fica solteira, nota-se uma relação com os argumentados do texto C.

No quarto parágrafo, o aluno argumenta “Não se pode esquecer que embora os rapazes não possuam as condições biológicas necessárias para engravidar, um filho não é concebido por uma única pessoa” e cita a palavra “eximir” grafada ortograficamente correta, uma expressão incomum no vocabulário de adolescentes dessa faixa etária. Essas duas partes mostram o conhecimento de mundo desse aluno, ou seja, provavelmente, ele já teve outras leituras para ter esse argumento e esse conhecimento, essa leitura pode ter sido influenciada pela escola e pela família, que também é muito importante para o desenvolvimento dos alunos. No último parágrafo, o aluno menciona sobre a importância de os pais dialogarem com seus filhos, e da imaturidade dos adolescentes, argumentação que os três textos geradores exploraram. Como se pode ver a leitura e sua reflexão pode fazer a diferença para a produção textual, o professor é o mediador capaz de oferecer esse leque de opções ao aluno e estimulá-

lo com riquezas de argumentos para a escrita. Para tanto, o próprio professor precisa mostrar que é um leitor ativo para despertar o interesse dos alunos pela leitura.

No texto 3, nota-se que o aluno consegue escrever uma dissertação adequada aos padrões linguísticos, os parágrafos estão adequados, o texto está ortograficamente correto, coerente, coeso. No segundo parágrafo, há o argumento que existem informações para os adolescentes se prevenirem, mas que muitos são imaturos e “insiste em arriscar e não se prevenir”, nos textos A e B pode-se depreender essas ideias. No terceiro parágrafo, ele menciona que “um adolescente não está preparado para cuidar de uma criança, talvez nem financeiramente e muitas vezes o pai nem assume o bebê”, aqui se percebe que o aluno teve a influência dos textos geradores A e C. No último parágrafo o aluno usa seu conhecimento de mundo ao fazer a seguinte reflexão “apesar de a maioria dos pais não falarem sobre esse assunto com os filhos, o conteúdo na escola esclarece o mais importante que é as formas de prevenção”.

Nesse texto, o reflexo da família também se faz presente, uma vez que há uma cultura de leitura diária na família desse aluno, cujos pais são leitores ativos, além de seu exemplo como leitores, eles incentivam por sugerir e tornar acessível variadas fontes de leitura. A leitura deve ser incentivada o mais cedo possível pela família e a escola que têm um papel fundamental na aprendizagem e desenvolvimento das crianças enquanto leitoras e escritoras, para que a criança desperte o desejo e o prazer tanto de ler como de escrever. Pode-se notar o quanto a leitura é importante e indispensável. A leitura está definitivamente inter-relacionada com a escrita, o leitor precisa decodificar as palavras, interpretar, ir além do que está escrito.

No texto 4, no primeiro parágrafo o aluno se refere a algo de sua cultura “os adolescentes estão começando a vida sexual muito cedo e muitas vezes sem o conhecimento dos pais” e no segundo parágrafo, o aluno menciona que “a menina mesmo quer abortar por pensar que é muito nova e não vai dar conta de criar o filho” e depois que “a pessoa doa o filho”, percebe-se que ele deixou-se influenciar pela realidade observada, pois nenhum dos textos geradores lidos mencionaram esses fatos; ainda no mesmo parágrafo o aluno destaca “e quando ela tem o bebê pode dar depressão pós-parto”, ele teve influência do texto C.

No terceiro parágrafo, ressaltou o quão é importante o diálogo entre os filhos e os pais e o diálogo na escola, que foi mencionado nos três textos geradores lidos. No último parágrafo, o aluno se influenciou totalmente do texto C, ao mencionar que quando a gravidez precoce é diagnosticada, é preciso procurar o médico e que a família apoie essa adolescente. Mais uma vez, nota-se que quanto mais se lê, o aluno consegue interpretar e argumentar. É

preciso apresentar textos que conscientizem os alunos, mostrando assim o quanto a leitura é importante para se produzir um texto rico em conteúdo e com os padrões linguísticos adequados.

No texto 5, o aluno foi sucinto, escreveu apenas três parágrafos, talvez esse aluno não seja um leitor ativo, não pratique a leitura nem imposta, nem sugerida, nem por prazer ou por opção, possuindo dificuldades em argumentar. Ainda assim, no primeiro parágrafo, ele consegue expor fatos típicos de adolescentes, que não são mencionados em nenhum dos textos geradores “A maioria dos adolescentes tem um único pensamento, curtir a vida o máximo possível”; em seguida ele menciona a falta de diálogo entre pais e filhos, argumento construído a partir dos textos geradores.

No segundo parágrafo, ele destaca a importância que a escola tem em realizar palestras, alertando os adolescentes sobre os riscos que estão correndo, que faz parte do seu conhecimento de mundo. No último parágrafo, percebe-se a influência dos textos geradores A, B e C trabalhados, ele menciona as doenças sexualmente transmissíveis e depois usa seu conhecimento de mundo ao dizer “É preciso que haja mais consciência tanto dos adolescentes quanto dos pais”.

A leitura e a escrita necessitam uma da outra e as duas são de extrema importância para o conhecimento, desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos. É preciso ler para dar significados, sentido, levantar hipóteses, ser crítico, interpretar, compreender e muito mais, a leitura torna o ser humano completo. Para saber o sentido, o significado, interpretar uma proposta textual, o aluno precisa ter um conhecimento prévio sobre o determinado assunto, como atesta Antunes (2003),

Há, naturalmente, em qualquer texto, “coisas não explicitadas”, isto é, vazios a serem preenchidos, o que não impede que o texto permaneça interpretável. Daí que as *informações prévias* com que o *leitor chega ao texto*, derivadas de seu próprio *conhecimento de mundo* e das *relações simbólicas* que, aí, estabelece, também cumprem um papel fundamental na atividade de compreensão do texto. O sentido de um texto não está apenas no texto, não está apenas no leitor. Está no texto e no leitor, pois está em todo o material linguístico e em todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. É por isso que não se pode ver no texto o que lá não está nem se pode ver apenas o que lá está sobre a página. A leitura tem, assim, a dinâmica de qualquer outro encontro: seu sentido é de agora e é de antes. (ANTUNES, 2003, p. 78, grifo da autora).

As análises dos textos dos alunos contribuíram para a compreensão de que a leitura prévia de um assunto interfere na produção de um texto, ou seja, quem lê mais, escreve melhor, no que se refere ao conteúdo do texto. Nos textos em que os alunos tiveram argumentos, ideias, autonomia; por vezes se basearam nos textos geradores lidos ou já tinham outras leituras acerca dessa temática. Antunes (2003), atesta que,

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. *Ter o que dizer* é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”. As palavras são apenas a mediação, ou o material com que se faz a ponte entre quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê. Como mediação, elas se limitam a possibilitar a expressão do que é sabido, do que é pensado, do que é sentido. Se faltam as ideias, se falta a informação, vão faltar as palavras. Daí que nossa providência maior deve ser encher a cabeça de ideias, ampliar nosso repertório de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. Aí as palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com as regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto. O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais. (ANTUNES, 2003, p. 45, grifo da autora).

Para o aluno, escrever bem ele precisa ter o que dizer, argumentos, informações e um dos meios para que se obtenha esse conhecimento é a leitura, como atesta Antunes (2003),

E pobreza de repertório, falta de informação, não ter o que dizer não são problemas que se solucionam com regras de gramática nem com exercícios de análise sintática. Para escrever bem, é preciso, antes de tudo, *ter o que dizer*, conhecer o objeto sobre o qual se vai discorrer. (ANTUNES, 2003, p.70, grifo da autora).

O aluno que lê, reflete com regularidade, é um leitor ativo, possui conhecimento, segurança, amplia seu conhecimento, suas ideias, seus conceitos, conquista informações sobre diversos fatos. Antunes (2003), afirma que,

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a *ampliação dos repertórios de informação* do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral. (ANTUNES, 2003, p.70, grifo da autora).

A leitura é importante para a vida e para a formação do indivíduo na sociedade, e como foi argumentado nos capítulos anteriores é papel da escola formar alunos leitores ativos, conscientes e preparados para ler e produzir textos conforme as exigências da sociedade. Além da contribuição da escola, a da família também influi nesse processo de aprendizagem. Para Antunes (2003),

A maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes se faz assim, e é uma conquista inteiramente possível a todos – mas é “uma conquista”, “uma aquisição”, isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas (com rasuras, inclusive!), aprendizagem. Exige tempo afinal. (ANTUNES, 2003, p. 60).

Na escola, o ensino da leitura ainda possui alguns problemas a serem solucionados, a maneira como é abordado o conteúdo na sala de aula, os desafios que os alunos e os professores enfrentam, as dificuldades em produzir e compreender um texto, a falta de interesse dos alunos, a leitura ainda é vista nas escolas sem muita relevância para o crescimento intelectual e cultural dos alunos, pois seu papel é permitir ao aluno oportunidades de aprender para que ele possa encontrar novos caminhos e novas descobertas, se tornando um leitor crítico e competente. Cabe ao professor possibilitar aos alunos uma leitura que desperte prazer, emoção, satisfação.

Em decorrência do que foi exposto neste capítulo, é possível verificar a inter-relação entre a leitura e a escrita. Atualmente, a leitura está defasada, isso faz com que ocorra prejuízos na produção textual. Através das análises realizadas, verifica-se que a leitura é essencial para o aluno, o reflexo da leitura no texto produzido com os padrões linguísticos e riqueza de argumentos é real e fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das discussões realizadas foi possível perceber que a prática de leitura deve propiciar à compreensão de textos, a qual não deve ser uma ação apenas linguística ou cognitiva, nem um ato de extração de significados isolados, como se as palavras fossem portadoras de um sentido absoluto, compreender o que se lê é uma forma de categorizar o mundo e de agir sobre ele na relação com o outro, em contextos específicos de comunicação.

Como diz Marcuschi (2008, p. 231) “compreender não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais”. Para se compreender bem um texto, é preciso sair dele, inter-relacionar conhecimentos, fazer comparações, tirar conclusões e produzir sentidos, daí o quanto a leitura é indispensável para a aquisição de conhecimento. Quando o aluno se torna um leitor ativo ele adquire conhecimento, argumentos, ideias, valores e muito mais, passa a ter autonomia para expressar sua ideia.

A leitura e a escrita fazem parte do cotidiano de todos, seja na escola, na rua, em casa, tudo ao nosso lado necessita da leitura e conseqüentemente da escrita,

De modo geral, podemos dizer que há textos que lemos porque queremos nos manter informados (jornais, revistas); há outros textos que lemos para realizar trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, livros, periódicos científicos); há ainda, outros textos cuja leitura é realizada por prazer, puro deleite (poemas, contos, romances); e, nessa lista, não podemos nos esquecer dos textos que lemos para consultar (dicionários, catálogos), dos que somos “obrigados” a ler de vez em quando (manuais, bulas), dos que nos caem nas mãos (panfletos) ou nos são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas). (KOCH, 2006, p. 19).

Através da leitura, o aluno pode melhorar sua escrita, produzir textos sem prejuízos, seguindo os padrões linguísticos e ampliando seus argumentos. Assim a leitura e a escrita estão inter-relacionadas, uma não existe sem a outra.

A importância que a leitura remete na produção textual é fundamental para que os alunos consigam vencer os desafios que são impostos no decorrer da vida acadêmica, e no Ensino Fundamental II não é diferente, é necessário que o professor trabalhe mais com a leitura, para melhorar a compreensão dos alunos que estão cada vez mais desinteressados, como salienta Brose (2009, p. 72), “Ao leitor, cabe a função de discernir os textos e entender sua importância e significado, de acordo com as reações que eles propiciam.”, o aluno precisa aprender a ler para saber compreender e dar significados ao que está lendo, pois o sentido de um texto não é dado *a priori* e o professor precisa ter consciência dessa realidade, para fazer com que o aluno faça sentido a partir do que lê e do já sabe.

Com base em tudo que foi argumentado, verifica-se que a leitura é fundamental na vida do aluno, quanto mais o aluno ler, tanto mais ele poderá ser um bom escritor. É necessário que a escola, a família e o aluno se comprometam no ensino da leitura, assim melhorará a compreensão do que se lê, e conseqüentemente a escrita também será melhor, pois a leitura prévia de um texto faz toda diferença na produção de um texto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. 8.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 69.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.p. 80.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012. p. 117-126.

BROSE, Elizabeth Robin Zenkner; FERREIRA, Ana Paula Charão Schardosim. *Leitura e literatura: teoria e prática*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012. p. 59-79.

JURADO, Shirley; ROJO, Roxane. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz?. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: Vera Teixeira de Aguiar [e outros] (org). Regina Zilberman. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p.51-62.

LEITE, Lígia Chiappinni de Moraes. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012, p. 17-24.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Os efeitos de leitura na relação discurso/texto. In: VALENTE, André (org). *Aulas de Português: Perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.151-158.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SUASSUNA, Livia. Variação linguística e produção de texto – um estudo de caso. In: VALENTE, André (org). *Aulas de Português: Perspectivas inovadoras*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.193-208.

ANEXOS

ANEXO – A TEXTOS GERADORES

TEXTO A

A Gravidez na Adolescência

Todos nós sabemos da importância de um lar verdadeiramente estruturado, pois ele é o alicerce de toda uma sociedade, a primeira instituição que sempre deverá ser preservada. Os problemas sociais que enfrentamos, são reflexos de uma crise de valores interminável, que aumenta paulatinamente a cada dia, e isso é porque as nossas principais instituições estão caindo diante da sociedade.

Percebemos que os adolescentes estão sem rumo, à procura de um porto seguro para aportar, alguém que o norteie, segure a sua mão e siga adiante, apoiando-os dentro de suas inúmeras necessidades.

A gravidez na adolescência, já não mais é por motivo de informação, temos diversos meios de prevenção, um sem número de veículos de comunicação que difundem todo tipo de anticoncepcionais, contudo essa problemática vem se agravando cada vez mais.

Isso tudo mostra que temos que mudar a nossa estratégia, quanto à abordagem desse fato, porque não é apenas a questão da gravidez, temos ainda as doenças sexualmente transmissíveis, a grande liberação sexual, que a mídia ostenta é um empecilho.

Os pais têm que estar sempre acompanhando o desenvolvimento do seu rebento, auxiliando-os em suas dificuldades, sendo verdadeiros amigos, pois sem esse auxílio, todo tipo de dificuldade será um grande obstáculo, que pode ocasionar problemas futuros na vida de um adolescente, transformando um destino brioso em uma grande e interminável dor de

cabeça.

Marcelo de Oliveira Souza

ANEXO – B TEXTOS GERADORES

TEXTO – B

Gravidez na adolescência

Atualmente temos visto muitas adolescentes grávidas, e surge sempre a questão, por que isto acontece? Temos todos os métodos para que casos de gravidez indesejada não ocorram e mesmo assim os problemas continuam. Isto acontece por falta de diálogo entre pais e filhos, pois muitos têm vergonha de conversar tais assuntos com sua família e não têm liberdade de expressar seus sentimentos, muitos pais acham constrangedor ter um diálogo aberto com seus filhos e essa falta de diálogo gera jovens mal instruídos que iniciam a vida sexual sem o mínimo de conhecimento. Especialistas afirmam que quando o jovem tem um bom diálogo com os pais, quando a escola também participa, promovendo explicações sobre como se prevenir, sobre o tempo certo para ter relações e gerar um filho, há uma baixa probabilidade de que ocorra gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis.

O local em que cada indivíduo cresce, família, comunidade e escola, influenciam em suas atitudes futuras. Há vários meios que divulgam sobre como se prevenir, mas falta maturidade para muitos jovens. Muitos não têm consciência que se cuidar é importante, pois um filho na adolescência pode atrapalhar todo um futuro, e as responsabilidades aumentam. Além de cuidar de si, a mãe precisa cuidar da criança, ter condições de criá-la, ter uma boa estrutura para dar uma boa educação, e ter responsabilidade com o futuro da criança.

A gravidez na adolescência envolve muito mais do que pensamos, problemas físicos, emocionais, sociais, entre outros. É muito importante que exista a consciência por parte dos jovens que atitudes inconsequentes podem ter graves consequências, pois uma gravidez inesperada dificulta que o jovem tenha uma vida normal, como sair com os amigos e

estudar. Viver e sonhar os sonhos da adolescência é uma experiência única, acreditar que um futuro bem-sucedido espera, e é importante lutar para que isto aconteça. A vida é cheia de desafios, perdas e vitórias, por isto é importante se cuidar, lembrar que um futuro cheio de emoções e realizações nos espera.

Lucas Martins Moreira

ANEXO – C TEXTOS GERADORES

TEXTO – C

Gravidez na adolescência

A gravidez precoce está se tornando cada vez mais comum na sociedade contemporânea, pois os adolescentes estão iniciando a vida sexual mais cedo. A gravidez na adolescência envolve muito mais do que problemas físicos, pois há também problemas emocionais, sociais, entre outros. Uma jovem de 14 anos, por exemplo, não está preparada para cuidar de um bebê, muito menos de uma família. Com isso, entramos em outra polêmica, o de mães solteiras, por serem muito jovens os rapazes e as moças não assumem um compromisso sério e na maioria dos casos quando surge a gravidez um dos dois abandona a relação sem se importar com as consequências. Por isso o número de mães jovens e solteiras vem crescendo consideravelmente.

É muito importante que haja diálogo entre os pais, os professores e os próprios adolescentes, como forma de esclarecimento e informação.

Mas o que acontece é que muitos pais acham constrangedor ter um diálogo aberto com seus filhos, essa falta de diálogo gera jovens mal instruídos que iniciam a vida sexual sem o mínimo de conhecimento. Alguns especialistas afirmam que quando o jovem tem um bom diálogo com os pais, quando a escola promove explicações sobre como se prevenir, o tempo certo em que o corpo está pronto para ter relações e gerar um filho, há uma baixa probabilidade de gravidez precoce e um pequeno índice de doenças sexualmente transmissíveis.

O prazer momentâneo que os jovens sentem durante a relação sexual transforma-se em uma situação desconfortável quando descobrem a gravidez.

É importante que quando diagnosticada a gravidez a adolescente comece o

pré-natal, receba o apoio da família, em especial dos pais, tenha auxílio de um profissional da área de psicologia para trabalhar o emocional dessa adolescente. Dessa forma, ela terá uma gravidez tranquila, terá perspectivas mais positivas em relação a ser mãe, pois muitas entram em depressão por achar que a gravidez significa o fim de sua vida e de sua liberdade.

Oléio & Tódual e Alomias Remesido Prado
Kedson Sousa

ANEXO - D TEXTO 1

Tema de texto: Gravidez na adolescência

Obstáculos a serem evitados

É chamada gravidez na adolescência denominada por uma gestação ocorrida entre jovens até 21 anos. Geralmente não é algo planejado e quando acontece é uma verdadeira surpresa indesejada.

Com este fato ocorrendo na vida de uma pessoa tão jovem pode gerar vários problemas emocionais. Pois a mesma não está preparada, e nem as vezes tendo condições financeiras para cuidar da criança.

Este fato, suas causas podem estar relacionadas por vários motivos, tais como: a mídia, que é uma grande aliada para o aumento dos índices, porque passam aos jovens a intenção da sexualidade muito forte nos programas. É assim aliados a fazer de fazer tudo por impulso e sem pensar em consequências, aumenta ainda mais a incidência de gestação juvenil.

Então com isto, os adolescentes precisam cada vez mais ficar antenados com informações corretas, pois essa parte da vida guarda belas descobertas, mas se não estiver



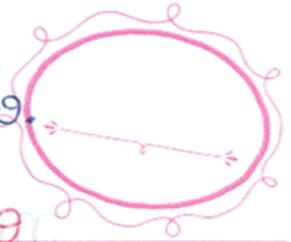
exigências pode haver também grandes obstáculos a serem vencidos.



Colégio Estadual Lidemias Demers do Prado.

Data: 18/11/2016

Série: 9º ano



Dissertação

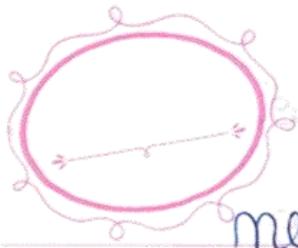
ANEXO - E TEXTO 2

Gravidez na Adolescência

A GRAVIDEZ precoce vem se tornando cada vez mais um problema para os jovens. Meninas de 14 a 21 anos, não se preocupam com as consequências que um ato sexual sem métodos preventivos podem trazer, não só uma gravidez precoce mais também, doenças sexualmente transmissíveis.

Quando ocorre a gravidez na adolescência, as consequências são bastante perturbadoras, tanto para a adolescente quanto para a família. A gravidez nesta fase vivia uma série de conflitos e crises, já que a adolescente não está totalmente preparada, seja fisicamente ou emocionalmente, para assumir a responsabilidade por um filho.

País sem diálogos nem embreitas dos adolescentes desmortalados, Entendem que, na adolescência uma gravidez não planejada leva os pais da adolescente a objeção e re-



ficão. Pois o amor da lugar
 a preocupação e brigas é
 neste momento que acontece
 as desavenças, a separação dos ado-
 lescentes, e quem fica com a carga
 maior é a adolescente grávida pois
 o pai do bebê vai e deixa a mãe
 gestante e sozinha. É importante destacar
 que a gravidez precoce não é um pro-
 blema exclusivo das meninas.

Não se pode esquecer que embora
 os rapazes não possuam as condições
 biológicas necessárias para engraa-
 ndar, um filho não é concebido
 por uma única pessoa. E se é a me-
 nina, que cabe a difícil missão de
 carregar no ventre, o filho, durante
 toda a gestação, o rapaz não pode
 se eximir de sua parcela de respon-
 sabilidade.

Chegamos a conclusão que os pa-
 iz também tem culpa no ato, pois
 se instruí-se seus filhos a usar
 métodos preventivos, eles estariam
 mais conscientes e mais maduros. Mas
 também, muitos adolescentes fazem
 uso de métodos preventivos por
 imaturidade, não falta de conhe-
 cimento, não pensam mas conseguem
 via. Sejamos mais conscientes e mais
 responsáveis, para conseguir
 nos nos estruturar primeiro, antes
credeal de ter um bebê!

Colégio Estadual Adoniz Bemis do Prado
16 de novembro de 2016

9º ano

ANEXO - F TEXTO 3

Como: Gravidez precoce

Gravidez na adolescência

Atualmente percebemos que casos de gravidez precoce vem aumentando e em nosso dia-a-dia vemos "crianças" gerando ou cuidando de outros crianças.

Podemos pensar que pode ser por falta de informação, mas não acredito que seja especialmente por isso. Os principais fatores são irresponsabilidade e falta de comunicação que leva a pessoa a essa tal falta de informação. Terim muitos desses pessoas conhecem tudo o que é necessário para prevenir um bebê e mesmo assim insistem em engravidar e não se prevenir.

A gravidez precoce não é algo bom, porque se porormos para pensar um adolescente não está preparado para cuidar de uma criança, talvez nem financeiramente e muitas vezes o pai nem assume o bebê.

O que podemos fazer para de alguma forma ajudar, é de fato dar o tal conhecimento que falta para esses adolescentes, no caso o país e professores

esclarecerem todos os indivíduos. Mas acredito que isso não será uma diferença muito grande, pois na escola já vemos sobre isso e apesar de a maioria dos pais não falarem sobre esse assunto com os filhos, o conteúdo na escola esclarece o mais importante que é as formas de prevenção.





Colégio Estadual Adenir dos Santos do Prado.

Série: 9^o ano.

Prevenir-se ANEXO - G TEXTO 4

A gravidez na adolescência hoje já está sendo um fato bastante comum pois as adolescentes estão começando a vida sexual muito cedo e muitas vezes sem o consentimento dos pais.

A gravidez precoce pode gerar vários problemas para família. Muitas das vezes o pai abandona a adolescente por ela ser muito nova, outras vezes a menina mesmo quer aborta por pensar que é muito nova e não vai da conta de criar o filho, e quando ela tem o bebê pode dar depressão pós-parto que é quando a pessoa doa o filho.

Mas o que acontece é que os pais não estão tendo diálogos com os filhos e também tem que ter a parte do diálogo na escola como palestra ensinando como se prevenir e tal. Esses diálogos na escola e com os pais pode servir como esclarecimento dos duvidas e até mesmo de alerta.

Quando essa gravidez precoce é diagnosticada é importante procurar um médico para realizar o pré-natal e também é de extrema importância que a família apoiem pois a criança não tem culpa, então prevenir-se.



/ /

Colégio Estadual Adonias Gomes do Prado

Data: 18/11/2016

Série: 9º ano

Tema: Gravidez na Adolescência

ANEXO - H TEXTO 5

Mente jovem

A maioria dos adolescentes tem um único pensamento, curtir a vida o máximo possível, existe o caso da gravidez precoce causada muitas vezes pela falta de diálogo entre pais e filhos, que nem sempre tem tamanha liberdade.

Um recurso muito usado pelas escolas, são palestras que visam para mostrar aos jovens, que uma criança requer cuidados e se eles estão realmente prontos para essa responsabilidade.

Além da gravidez a relação sexual tem outros riscos, como doenças sexualmente transmissíveis. É preciso que haja mais consciência tanto dos adolescentes quanto dos pais, para evitar uma gravidez indesejada.